

# RELAÇÕES ENTRE A ÁUSTRIA E O BRASIL NO SÉCULO XIX

Ezekiel Stanley RAMIREZ

O estudo das relações entre a Áustria e o Brasil de 1822 a 1889 nos leva a algumas conclusões significativas. A razão pela qual as duas nações não atingiram um grau bastante elevado de intercâmbio talvez se encontre na posição geográfica dos dois impérios. Não poderiam ser aliados naturais em face da enorme distância que os separava. Este obstáculo tornava-se particularmente grave pelo fato de nenhum dos dois países dispor de marinha mercante considerável. Outro fator importante que contribuiu para o malogro da realização de realizações proveitosas entre os dois países era a diferença ideológica, apesar de adotarem ambos a forma monárquica.

A Áustria era uma velha monarquia com tradições conservadoras. O Brasil era um jovem Império, de origem colonial, nascido de uma revolução, demasiadamente liberal e democrática para o governo reacionário da Áustria. Metternich, por exemplo, nunca foi a favor da independência em relação a Portugal, e reclamava constantemente a eliminação dos elementos revolucionários no Brasil. Esta diferença ideológica tornou-se mais aguda pela tendência dos funcionários austríacos em olhar com desprezo para o nível cultural demonstrado pelos brasileiros.

O Brasil surgia como um Estado independente entre as potências num momento em que a Áustria era uma das nações líderes do mundo e Metternich, seu chanceler, o estadista mais notável da Europa. Empenharam-se os funcionários austríacos em recolher as provas de que a corte brasileira era uma instituição selvagem comparada ao alto nível de cultura revelado pela Família Imperial Austríaca. Os diplomatas austríacos

eram meticolosos, reservados e profundamente enfiados das regras diplomáticas e costumes. Eram diplomatas de carreira, cômicos da importância da Áustria nos negócios internacionais e animados pelo governo a difundir a influência austríaca, enquanto os diplomatas brasileiros não tinham tradição e estavam tolhidos completamente por uma política isolacionista. A inabilidade da cômte do Brasil em dominar a complexidade do governo, especialmente nos anos de formação, fez com que a cômte austríaca perdesse a confiança nela e assumisse o papel de conselheira da nova monarquia.

A Áustria sempre limitou a sua ajuda a uma orientação dada livremente. A cômte de Viena encorajava insistentemente a cômte do Rio a alcançar o ideal de governo encarnado no imperador Francisco I e seu chanceler Metternich. Tal tipo de governo, aconselhava Viena, só seria capaz de sobreviver, se todas as revoltas fossem rapidamente abafadas por força militar. Não é difícil imaginar que a cômte do Rio em breve se cansou desses conselhos infundáveis dados sem o apoio material necessário.

A base mais significativa da aliança austro-brasileira foi sem dúvida a solidariedade dinástica resultante do casamento de D. Leopoldina com o príncipe D. Pedro. O casamento abriu a porta às relações diplomáticas, econômicas e culturais, que provavelmente não teriam ocorrido, se tais laços de família não se tivessem estabelecido. Politicamente D. Leopoldina pôde intervir em Viena em favor do relacionamento do novo Estado, e Metternich pôde dirigir e modificar a política brasileira em relação a Portugal, particularmente na tentativa de reconciliação em D. Pedro e D. Miguel. A morte prematura de D. Leopoldina encerrou definitivamente as ligações entre as nações. Se ela tivesse sobrevivido, teria incontestavelmente conseguido reforçar os laços de família entre os dois impérios e, em consequência, as relações diplomáticas teriam sido de maior significação. Sua morte, tão cedo, contribuiu ainda para esfriar as relações, particularmente porque foi amplamente sabido que ela não conseguira encontrar felicidade completa com D. Pedro, que se inclinava a dar importância demasiada à sua amante.

Anos depois, quando D. Pedro autorizou seu sogro em Viena a obter-lhe uma segunda mulher, ficou provado que a publicidade a respeito da amante de D. Pedro tinha sido forte demais e que, em

conseqüência, era impossível encontrar uma princesa da Europa que quisesse casar com o jovem Imperador. O malogro de Viena em obter uma mulher para D. Pedro contribuiu para diminuir o intercâmbio diplomático.

O novo malogro de Viena em obter mulher para D. Pedro I não somente significou o fim das relações íntimas entre a Áustria e o Brasil mas azedou a côrte do Rio contra sua amiga e aliada na Europa. A influência austríaca no Brasil declinou e daí por diante, tornou-se a Áustria uma simples espectadora dos negócios do Brasil, que ela era incapaz de dirigir ou influenciar. A simples memória de D. Leopoldina provou ser insuficiente para sustentar uma profunda amizade e cooperação entre os dois impérios. A Áustria foi incapaz de manter ou substituir os laços dinásticos por elementos mais duráveis. O elemento germânico no Brasil nunca cessou seus esforços para cultivar a memória de D. Leopoldina, mas seus esforços foram insuficientes para influenciar a ação dos poderes competentes.

Em matéria de relações culturais, permanecem resultados dos esforços dos exploradores austríacos no Brasil durante o princípio do século XIX. A exposição de peças de história natural do Brasil em Viena ficou sendo a exposição mais popular durante o século. A publicação dos trabalhos dos exploradores é ainda lida e serve de estímulo para o estudo do hemisfério ocidental na Áustria; e ainda que sejam familiares o Brasil e suas instituições a muitos austríacos, muito poucos têm conhecimento dos outros países ibéricos da América. O Museu de História Natural de Viena ainda registra o Brasil como uma de suas maiores atrações. Em Munique, Alemanha, a exposição das peças obtidas por Spix e Martius foi exibida igualmente com predomínio através de anos.

A imigração da Áustria para o Brasil foi insignificante durante esse período porque os Habsburgos estavam convencidos de que a população era a verdadeira riqueza de uma nação, e o ideal deles era aumentá-la em vez de diminuí-la, a fim de reforçar e fortificar a posição de seu Império dentro do concerto das grandes potências européias. Por outro lado, o Brasil não estava ansioso por aumentar a população branca dentro de suas fronteiras. O que ele queria era obter trabalhadores brancos a fim de se ver livre dos escravos, mas temia obter trabalhadores em quantidade demasiada, com medo de pôr em risco o tráfico de escravos em que se baseava a economia do país. A diminuição do trabalho produzida pela pressão inglesa, porém, foi o fator principal que levou o Brasil a vencer

suas suspeitas em relação aos estrangeiros e começar a recrutar colonos.

Como a aspiração básica nacional da Áustria era aumentar a população, todos os relatórios austríacos relativos à emigração tendem a defender os pontos de vista da política nacional; assim, por exemplo, os jornalistas exploravam a história dos agentes de recrutamento e narravam as doenças, a falta de alimentação, o baixo nível de vida no Brasil para os emigrantes. Com todo o respeito aos pontos de vista da Áustria, em relação aos seus emigrantes para o Brasil, um exame imparcial demonstraria provavelmente que o emigrante austríaco estava em condições superiores às dos habitantes do Brasil, mesmo que não estivessem em condições superiores às da sua pátria nativa.

As relações comerciais entre as duas malograram-se na maior parte porque o mercado da Áustria, por natureza fechado, não podia orientar-se para os negócios transoceânicos. As mercadorias austríacas nunca foram capazes de competir com as inglesas e francesas no Brasil. Os ingleses tinham logo obtido concessões comerciais e eram, pois, a nação mais favorecida. O relatório do barão von Walther sobre a situação do comércio entre a Áustria e o Brasil contém uma excelente exposição do assunto. Seu relatório sobre o momento aplica-se exatamente tanto ao fim do século quanto à data de 1820, em que foi apresentado.

Assim, nesse estudo, descrevendo as simples relações diplomáticas e culturais entre uma antiga e grande potência da Europa e um jovem e animoso Estado de Novo Mundo, tentei dar um quadro exato dos laços tecidos entre os dois Impérios.

(Capítulo final do livro “As relações entre a Áustria e o Brasil”. Trad. de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo, Editora Nacional, 1968. Volume 337 da Coleção “Brasíliana”).